

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Centro de Artes**

**Curso de Teatro - Licenciatura**



*Trabalho de Conclusão de Curso*

**Teatro do Oprimido na Comunidade :  
á práxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas**

**Celio dos Santos Soares Júnior**

Pelotas, 2011

**CELIO DOS SANTOS SOARES JÚNIOR**

**TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE:  
À práxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Teatro da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciando em Teatro.

Orientador: Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2011

**Banca examinadora:**

Fabiane Tejada da Silveira

Vanessa Caldeira Leite

## DEDICATÓRIA

*Dedico o meu Trabalho de Conclusão de Curso  
ao Grupo TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade –  
que foi fonte da minha pesquisa;  
as memórias de Paulo Freire e Augusto Boal –  
alicerces dos “nossos trabalhos”.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço*

*a minha orientadora, Professora Fabiane Tejada - que com o tempo começou a fazer parte da minha vida pelo carinho, afeto, atenção, amizade e dedicação – através de seus saberes, me fez acreditar nos sujeitos e no “inacabamento”;*

*a minha colega Lucia Carvalho – Tocoman@, companheira, amiga, dedicada e questionadora – pelas contribuições, pela compreensão, pelo empenho e por acreditar no nosso trabalho ;*

*a Professora Vanessa Leite, por me fazer acreditar na importância da educação transformadora;*

*ao Professor Adriano Moraes, pelo começo, meio e fim, além de me fazer compreender que cada um “tem seu tempo”;*

*aos demais Professores do Curso de Teatro: Luciana, Paulo, Taís, Marina, Moira e Daniel, por compartilharem seus “saberes” e contribuírem para o crescimento do Curso;*

*as colegas Joice e Ana, pelas contribuições para o Grupo TOCO no ano de 2010;*

*aos demais colegas de aula: Flávio, Inácio, Maurício, Neusa, Valéria e Vanessa, que de uma maneira ou outra contribuíram para o meu trabalho;*

*aos líderes / facilitadores / coordenadores comunitários – em especial a Assistente Social Verinha – que sabem da importância e acreditam no trabalho do TOCO;*

*a todos os sujeitos das Comunidades Dunas e Z-3 – em especial as “mulheres”- que se fizeram presentes nas oficinas e contribuíram para a sua realização, além de me fazer acreditar que “tudo é possível”.*

**TOCOPRÁXISAÇÃO REFLEXÃO PRIMIDOLIBERTAÇÃO VOZINACABADOTOCO...**

“É de sonho e de pó  
O destino de um só  
Feito eu perdido em pensamentos sobre o meu cavalo  
É de laço e de nó, de gibeira o jiló  
Dessa vida, comprida, a só...”  
(Romaria - Renato Vargas)

“Tem certos dias  
Em que eu penso em minha gente  
E sinto assim  
Todo o meu peito se apertar...”  
(Gente Humilde - Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

“Pensem nas crianças mudas, telepáticas  
Pensem nas meninas cegas, inexatas  
Pensem nas mulheres, rotas alteradas  
Pensem nas feridas com rosas cálidas...”  
(Rosa de Hiroshima - Vinicius de Moraes)

“Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas agüenta...”  
(Maria, Maria - Milton Nascimento)

“Eu estava esparramado na rede  
Jeca urbanóide de papo pro ar  
Me bateu a pergunta meio à esmo:  
Na verdade, o Brasil o que será?  
O Brasil é o homem que tem sede  
Ou o que vive na seca do sertão?  
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo  
O que vai, é o que vem na contra mão?...”  
(A Cara do Brasil - Celso Viáfara e Vicente Barreto)

“Bebida é água!  
Comida é pasto!  
Você tem sede de que?  
Você tem fome de que?...”  
(Comida - Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto)

“A gente quer viver pleno direito  
A gente quer viver todo respeito  
A gente quer viver uma nação  
A gente quer é ser um cidadão  
A gente quer viver uma nação...”  
(É... - Gonzaguinha)

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1 Teatro do Oprimido na Comunidade: métodos e objetivos de pesquisa .....</b>	<b>12</b>
<b>2 As comunidades de ação e reflexão .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 A Colônia Z-3 e suas realidades .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Dunas: de loteamento a bairro: a realidade do crescimento desordenado....</b>	<b>18</b>
<b>3 Práxis e reflexão: o Projeto em ação .....</b>	<b>22</b>
<b>4 A “ação-reflexão” como resultado .....</b>	<b>28</b>
<b>5 A práxis e o futuro: o inacabado como reflexão e ação .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o resultado da práxis com o Teatro do Oprimido nas Comunidades periféricas Dunas e Z-3 da cidade de Pelotas. O trabalho tem seu enfoque em parte da teoria estudada ao longo do Curso de Teatro-Licenciatura e na prática com teatro em comunidades. O estudo, de caráter qualitativo, baseia-se em dados observados e coletados a partir da reflexão sobre a práxis com o Projeto de Extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO). No diálogo, entre teoria e prática, procurei embasamentos em autores, como Paulo Freire, Augusto Boal, Bertold Brecht, Moacir Gadotti, Márcia Pompeu Nogueira, além do Centro do Teatro do Oprimido (CTO-Rio) e de Grupos que trabalham com o Teatro do Oprimido. Na pesquisa foi possível constatar que a práxis com o Teatro do Oprimido, principalmente através do trabalho com as Técnicas de Teatro Fórum e Teatro Imagem, nas comunidades envolvidas, ajudam a reflexão e as transformações dos sujeitos e de suas realidades, através do diálogo e inserção crítica.

**Palavras-chave:** Práxis. Teatro do Oprimido. Comunidade. Sujeitos. Transformação.



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo e a reflexão sobre a *práxis* do grupo Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) nas comunidades Dunas e Z-3 da cidade de Pelotas, no período de janeiro de 2010 a julho de 2011. A minha participação no grupo se dá desde a sua formação em janeiro de 2010, engajando objetivos pessoais e de grupo, no sentido de proporcionarmos um “fazer teatral” que levem a transformações pessoais e coletivas.

O projeto Teatro do Oprimido na Comunidade proporciona transformações nas vidas das pessoas que participam dos grupos das comunidades em que trabalhamos? A questão apresentada norteará o estudo e os objetivos do trabalho, com a finalidade de investigar e refletir sobre a *práxis* do projeto nas comunidades.

Para o desenvolvimento inicial do estudo, tomei como ponto de partida às discussões na disciplina de Teatro na Educação III (desenvolvida no 4º semestre do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, no ano de 2009), que trabalhou algumas metodologias que podem ser utilizadas para o desenvolvimento de teatro em comunidades, como: as técnicas do Teatro do Oprimido; a Revisão da Peça didática de Bertold Brecht, com o enfoque na experiência teatral como prática educativa e as reflexões do Teatro na Comunidade.

Destaco alguns questionamentos, dentre os muitos que tenho feito sobre a educação, sobre os sujeitos e o fazer teatral que fazem parte da origem desse estudo. Questionamentos que fiz durante os semestres cursados – e porque não dizer em boa parte da minha vida acadêmica e teatral. Questões que podem não estar totalmente respondidas, ou que não possuem respostas, e ou que sugerem novos questionamentos. Questões como:

O que é educação? Para que serve? O sujeito se educa ou é “educado”? Quem são os sujeitos, as pessoas, a comunidade e a sociedade? Será que realmente conhecemos o espaço onde estamos inseridos para um projeto educativo? Para quem pensamos o teatro? Quais são as possibilidades e os espaços que podemos utilizar? Qual o verdadeiro sentido do fazer teatral?

Outras reflexões que compreendo que contribuíram para a origem deste estudo foi que em toda a minha vida, ou parte dela, pensava que poderia “mudar o

mundo” e modificar as coisas que para mim estavam erradas – será que ainda não estão? Eu via, nos outros, parte de um grande meio social. Sujeitos que compartilham... Trocam... Vivenciam... – como um modelo sócio-econômico-cultural perfeito – claro que em determinado momento eu comecei a ver o que eram utopias – Surgiu a Licenciatura em Teatro, então pensei: “estão resolvidos todos os problemas, poderei modificar o mundo ou parte dele com estes dois ‘instrumentos’ a ‘educação’ e o ‘teatro’, que maravilha?!”. Eis que surgem as questões (levantadas anteriormente) que podem estimular outras e a busca, “teórico-prática”: a *práxis*, que pode ser conceituada como uma reflexão teórica sobre a prática fundamentada nas reflexões que emergem dela, pensando na transformação social. Esta *práxis* que me refiro deve partir da contextualização das realidades, do diálogo e inserção crítica.<sup>1</sup>

Trabalho neste estudo com o conceito de teatro em comunidade a partir da reflexão feita no artigo *Tentando definir o Teatro na Comunidade* de Márcia Pompeo Nogueira (2008,p.19), a autora comenta que “é uma modalidade teatral difícil de definir, já que adquire diferentes formatos, ligada a diferentes instituições e finalidades” além de retomar a questão de definição da própria comunidade nos dias atuais, face às multiplicidades de definições e ou conceitos, estudados e explicados por diferentes autores, porém define que “tanto em pequenos agrupamentos rurais como nas sociedades mais complexas, a comunidade representa um espaço de articulação, uma arena para nossas experiências da vida social” (2008,p. 20).

Tanto na definição de “comunidade”, quanto no “teatro na comunidade”, percebemos que o conceito é motivo de “teorizações” no mundo atual, devido à globalização e as múltiplas comunidades que se criam a cada dia. Outra questão abordada são as formas e modelos em que o Teatro, e porque não dizer Teatros, estão presentes nas comunidades, como: Teatro para a comunidade, Teatro com a comunidade e Teatro por comunidade. O primeiro modelo segundo Pompeu (2008), parte do princípio que é feito/montado por outras pessoas que vivem “fora” do contexto comunitário e que vão as comunidades sem o reconhecimento das mesmas. O segundo modelo é feito/montado partindo de investigações da própria comunidade, porém feito por outros elementos que não vivem e ou participam da comunidade. O terceiro modelo (muito influenciado pela metodologia do Teatro do

---

<sup>1</sup> As questões apontadas vão ser abordadas no decorrer do trabalho.

Oprimido de Augusto Boal) trabalha com os sujeitos e com as realidades das comunidades, envolvendo os indivíduos na totalidade do trabalho teatral – pesquisa, escolha do texto/tema, criação de figurinos e cenários, preparação de oficinas e apresentações nas próprias comunidades.

A partir dos estudos do teatro desenvolvido pelo Teatrólogo Augusto Boal é que surge o Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) em meio à iniciativa de querer levar o Teatro a camadas menos favorecidas e as comunidades periféricas da cidade de Pelotas.

Com e através do Teatro do Oprimido na Comunidade pude aprofundar preceitos teóricos e práticos dos métodos desenvolvidos por Augusto Boal, além de constatar um elo entre o teatrólogo e Paulo Freire – dois estudiosos que falam e teorizam sobre as opressões e os oprimidos. Novos questionamentos surgiram: Como transformar? Quem são os sujeitos oprimidos? Quais as suas opressões? Quem são os verdadeiros opressores? Perguntas que podem ser respondidas com e durante a prática e o contato direto com os sujeitos e as comunidades a que fazem parte. Mas e nós, também não somos oprimidos e ou opressores? Quando paramos para pensar em nossas próprias opressões?

Meu desejo com o projeto era que as coisas se tornassem ou fossem muito rápidas – como num “passe de mágica”: os oprimidos deixariam de sofrer opressões – mas constatei, através da práxis, que as transformações podem ser muito lentas ou invisíveis e que estamos apenas no começo – como uma semente plantada que necessita ser regada, adubada e cuidada para que cresça e floresça e quem sabe produza frutos.

Para responder a questão de pesquisa, dividi o trabalho em cinco capítulos, assim distribuídos:

Apresentei no primeiro capítulo os objetivos, geral e específicos, e a metodologia que foi desenvolvida nesta pesquisa.

No segundo capítulo abordei os diagnósticos das comunidades envolvidas no projeto com a contextualização sócio-histórico-cultural dos bairros Dunas e Z-3 na cidade de Pelotas.

No terceiro capítulo apresento as reflexões, teórico-práticas com o projeto, através das revisões de conceitos e estudos relacionados com o tema.

O quarto capítulo trabalho a análise e a interpretação dos resultados, partindo da coleta de dados através das entrevistas e avaliações das oficinas com o Teatro do Oprimido.

Por último, aponto as considerações finais que retomam os resultados e as reflexões, “teórico-práticas”, realizadas com base no projeto, que contribuem para a continuidade das atividades deste e indicam possibilidades de novos estudos.

## 1 Teatro do Oprimido na Comunidade: métodos e objetivos de pesquisa

O objetivo geral deste estudo é investigar e refletir sobre a práxis com grupo Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) e observar as possíveis transformações dos grupos das comunidades envolvidas no projeto, Dunas e Z-3 – O projeto é aberto a todas as pessoas da comunidade com idade superior a doze anos, porém atualmente participam algumas mulheres das comunidades citadas, ligadas ao centro comunitário do Bairro Dunas e ao posto de saúde da Colônia Z-3.

Portanto, minha questão de pesquisa é: O projeto Teatro do Oprimido na Comunidade proporciona transformações na vida das pessoas que participam dos grupos das comunidades em que trabalhamos?

A metodologia que utilizei foi a “Pesquisa Qualitativa” com base em dados observados e coletados a partir da reflexão sobre a práxis com o Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO – reflexão feita pelos participantes do grupo, a partir das avaliações após as oficinas nos bairros. Os dados foram coletados partindo dos depoimentos pessoais dos participantes e ministrantes do projeto e das avaliações feitas após as observações nas comunidades das oficinas desenvolvidas. Meu procedimento de apreciação dos dados foi feito com base na análise de conteúdo, onde após várias leituras do material coletado destaquei unidades de significado com a intenção de identificar possibilidades de transformação dos sujeitos, a partir do *diálogo*, *trocadas* e *interações* ocorridas durante o processo de trabalho do grupo TOCO – palavras imbricadas na definição de práxis<sup>2</sup>.

O trabalho no Projeto Toco é desenvolvido em metodologias e etapas que levem ao alcance de seus objetivos, como:

Conhecer os sujeitos e os locais envolvidos no processo, através do contato direto nos locais (bairros) que são desenvolvidas as oficinas. O contato é “peça chave” para o trabalho, pois permite ampliarmos possibilidades e planejamentos das oficinas.

Com o projeto, pensamos no “sujeito”, como parte de um meio que transforma e se transforma, e entendemos que através da interação e troca ele se modifica, e

---

<sup>2</sup> A palavra práxis significa: ação + reflexão ou atividade + ação – e ocorrem imbricadas, consoantes na transformação dos sujeitos. – segundo Gadotti, em Pedagogia da Práxis, 2004, p. 15

pensamos também em nós, como “agentes de transformações”, que faz parte deste meio e contribui para o “diálogo” e a “conscientização” dos sujeitos, como diz Gadotti “A formação da consciência do indivíduo não é inata. Exige esforço e atuação de elementos externos e internos” (2004, p. 24).

Esta formação ou tomada de consciência é a resposta do poder de transformação dialógica e libertadora das opressões, pois quando o indivíduo se conscientiza daquilo que o oprime - é nosso “papel” enquanto grupo, fomentarmos outras “consciências”, como exemplo, quando fizemos a roda de conversa antes da montagem das cenas de fórum ou imagem – e o poder de se “pronunciar” – dar voz – a resolução das opressões (individuais ou coletivas) que são “atingidas”, com as resoluções das próprias cenas.

Identificar possíveis opressões que fazem parte do dia-a-dia das comunidades e seus moradores. Opressões sociais, culturais, políticas, educacionais, raciais, entre outras, que se “instalam” – e muitas vezes internalizam – nos cotidianos, seja em regiões centrais das cidades, como nos bairros.

Levantar questões relativas a opressões pessoais e sociais, partindo da identificação/conhecimento dos sujeitos, dos bairros e das “opressões”.

Levantar preceitos teóricos relativos ao trabalho/práxis com o Teatro na Comunidade – principalmente os que tratem das “técnicas” do Teatro do Oprimido (Teatro Fórum e Teatro Imagem).

No capítulo a seguir descreverei as comunidades, onde é desenvolvido o projeto, através da formação sócio-histórico-cultural e as observações e ou diagnósticos feitos nos Bairros Z-3 e Dunas.

## **2 As comunidades de ação e reflexão**

Neste capítulo, abordo os diagnósticos e ou observações feitas nas comunidades Z-3 e Dunas, onde o “Projeto TOCO” está inserido, procurando contextualizar a formação sócio-histórico-cultural dos bairros e dos sujeitos.

### **2.1 A Colônia Z-3 e suas realidades**

Em observações feitas nas Comunidades, após depoimentos/conversas com as pessoas, podemos dizer que a Colônia de Pescadores Z3 é uma zona de pescadores profissionais e artesanais, pertencente ao 2º distrito de Pelotas e ficam 25 km do centro da cidade, possui em torno de quatro mil habitantes e foi fundada em 29 de junho de 1921. O distrito é formado por famílias oriundas de outros estados, principalmente o de Santa Catarina, que vieram para Pelotas com o objetivo de buscar melhores condições e qualidade de vida. Atualmente podemos observar que ainda há uma forte ligação/elo familiar e ou de costumes trazidos em suas bagagens familiares, e mesmo com a forte influência das raízes, os moradores parecem bem “bairristas”<sup>3</sup>, tanto tratando da colônia e ou distrito, quanto em relação à cidade de Pelotas.

As ruas e vielas demonstram uma ‘organização’ local, com casas e comércios aparentemente bem distribuídos e cuidados, no sentido de o distrito ter “uma vida própria” – notamos que, a grande maioria das residências é em alvenaria e pintadas (coloridas) e há comércios de pescados, bares, armazéns, lojas de materiais de construção/elétrico, clubes, igreja, posto de saúde, subprefeitura, uma escola municipal de Ensino Fundamental, praça, restaurante, enfim diversas ‘possibilidades e ou acessibilidades’ aos moradores.

Alguns fatos característicos que ocorrem na Z-3, são as informações sobre a comemoração da Festa dos Navegantes, que ocorre no dia 02 de fevereiro (esta celebração inicia com a chegada da imagem dos Navegantes trazida do bairro do Porto, da igreja Sagrado Coração de Jesus, seguida pelos fiéis, até o santuário de

---

3 O termo bairrista é utilizado para denominar as pessoas que vivem em comunidades (bairros, regiões, cidades, etc.) que justificam, por exemplo, serem os melhores ou que as coisas em seu redor são as melhores, e ainda as que defendem, entusiasticamente, os interesses locais de onde vivem.

Nossa Senhora dos Navegantes que é a igreja católica local). Os sujeitos da comunidade dizem e afirmam, que a igreja foi “*construída pelos peixes*”, pois eles contam que os antigos pescadores<sup>0</sup> doavam parte dos rendimentos das safras para a construção da mesma. O ‘mito’ e ou ‘realidade’ sobre o “rapto” das mulheres pelos noivos, que as levam para o barco antes das núpcias e da ‘comemoração/celebração’ com a chegada dos dois por parte dos familiares, fortalecendo um elo entre o casal e a família e, marcantemente, as “histórias de pescadores”, referenciadas nas falas dos sujeitos como fatos reais, relativas a casos acontecidos nos barcos e na água, sobre os peixes, sobre os mitos, sobre o “outro”, e infinitos ‘fatos’ atuais ou passados que dariam um estudo aprofundado sobre o local a partir de “histórias orais”.

Quanto a ações desenvolvidas pela e para a comunidade, podemos observar que há um ‘certo descaso’ das autoridades públicas referente a saneamento básico, saúde, educação e cultura.

Existe na Comunidade apenas uma Escola Municipal de Ensino Fundamental – motivo de reclamações por haver apenas uma para atender todas as crianças e que após o término do Fundamental tem que se deslocarem a outras regiões para fazerem o Ensino Médio (motivo que desestimula o avanço nos estudos e desistências pelos jovens) – o não envolvimento por parte da “Direção” da Escola com a Comunidade em geral. Os motivos citados refletem que o Distrito necessita a implantação do ensino Médio e um maior envolvimento da escola com a Comunidade, proporcionando, assim, um crescimento cultural e intelectual para as crianças, os jovens e os adultos da colônia.

Há reclamações referentes à Subprefeitura, implantada no Distrito, que trata das ‘ações’ locais, mas que não atende todas as necessidades da Comunidade – necessidades que visam o saneamento, o transporte, o contato com outros órgãos públicos e inúmeras possibilidades que serviriam de ‘diálogo’ entre o Poder Público e o cidadão.

O Posto Policial do Distrito está desativado – motivo também de reclamações referentes à criminalidade apontada e a demora no retorno de uma emergência.

Outro apontamento refere-se às ações do IBAMA na Comunidade – ações que para uns seriam de respeito/orientação quanto à pesca e para outros, ações



agressivas que geram apreensões de materiais (redes, barcos e outros), multas e prisões dos sujeitos.

Obtemos informações de que existe uma “rádio comunitária” que transmite comunicados, entrevistas, notícias, além de proporcionar lazer e aproximação entre realidades – a rádio vai ao ar nos finais de semana, quando a maioria das pessoas, estão em suas residências. E também um Jornal feito pelos alunos do Curso de Jornalismo da UCPel.

No Distrito encontramos Clubes e Associações que promovem festas e bailes para os moradores. A Igreja Católica local disponibiliza, através de sua diretoria, o Salão Paroquial para ações sociais, culturais e diálogo.

Encontramos no distrito um Posto de Saúde que contam com Enfermeiros, Auxiliares, Médicos, Dentista, Nutricionista e Assistente Social – parte da estratégia do Posto de Saúde da Família – que fazem um trabalho de prevenção de doenças, gravidez, DST's, exames de pré-câncer, cuidados com a criança (peso, altura, alimentação, etc.).

Partindo de espaços como o do Posto de Saúde e do Salão Paroquial é que o trabalho na Comunidade, com o Projeto TOCO, é desenvolvido. Os sujeitos que trabalhamos são formados pelas mulheres que participam e recebe o benefício “bolsa-família” – ação desenvolvida pela Prefeitura, através do Posto de Saúde e sua equipe (tratando de um “controle” gerado para a prevenção da saúde e ações sociais que promovam a conscientização da população quanto a questões relativas à criança, as drogas e as prevenções).

As mulheres que recebem o benefício devem participar da maioria das ações proporcionadas pelo posto de saúde, onde são apontadas em uma “caderneta – controle” e planilhas, exemplos como: peso dos filhos, vacinações, exames pré-câncer, controles escolares, etc. Elas devem participar de palestras e atividades sociais e culturais – onde conseguimos incluir o Projeto (claro que o objetivo do Grupo TOCO não está ligado a controle e imposição por parte dos participantes), pensando nos sujeitos que participam – em sua totalidade formada pelas mulheres da comunidade com idades que variam dos 18 aos 70 anos.

A inclusão do Projeto nas ações desenvolvidas pelo Posto foi à maneira de começarmos o “contato” com os sujeitos da Comunidade e uma maior aproximação, visando uma aproximação “futura” com outros “sujeitos” e com a própria

comunidade. No Salão Paroquial da comunidade foi onde encontramos, através do contato com o próprio Posto de Saúde, possibilidade de realizarmos as oficinas.

## **2.2 Dunas: de loteamento a bairro – a realidade do crescimento desordenado**

No bairro Dunas<sup>4</sup> (loteamento), onde também desenvolvemos atividades com o projeto, podemos identificar que não “nasceu” de um planejamento dos órgãos públicos, mas sim, de um processo de crescimento desordenado da cidade de Pelotas e pela falta de moradia para as pessoas que chegavam à busca de melhores condições de vida. O Loteamento Dunas é umas das regiões periféricas do município de Pelotas/RS, amargando as mazelas comuns às populações menos favorecidas economicamente, como falta de infra-estrutura física, altas taxas de desemprego, crianças e jovens em situação de risco social, entre tantas outras. No entanto, a comunidade tem se organizado em grupos sociais de intervenção e promoção do bem-estar desta população. Muitos projetos têm promovido ações de conscientização, debate, formação cidadã, capacitação profissional e promoção da qualidade de vida dos moradores da região.

O Loteamento surgiu em meados da década de 80 com seiscentas famílias beneficiadas e o nome usado pela população que ali se instalava foi devido ao referencial geográfico do Clube Dunas. Hoje já conta com uma população de mais de vinte mil pessoas. Devido à crise da época, o projeto se modificou a partir da pressão gerada pelas invasões, assim os lotes foram entregues para a população sem as condições de habitação. Sem água, luz, rede de esgoto, coleta de lixo, iluminação pública, pavimentação, escola e posto. Nos anos noventa tiveram a primeira conquista que foi a luz e em noventa e um a água que feitos precariamente, acabaram se tornando problemas até o momento. Possui uma unidade de saúde, uma creche e duas escolas.

Em 1991 foi fundada a “Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Dunas”, que foi uma das primeiras a serem construídas no bairro. Encontramos a creche municipal que passou a ser chamada de “Escola Municipal de Educação Infantil Paulo Freire” e ainda a “Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Deogar Soares”.

---

<sup>4</sup> Os dados obtidos do loteamento Dunas, para este capítulo do trabalho, foram obtidos pela colega integrante do Grupo TOCO Lucia Elaine Carvalho Berndt e gentilmente cedidos para minha pesquisa.

No bairro, também, encontramos o CDD (Comitê de Desenvolvimento do Loteamento Dunas), que se constitui em 1995 através de uma verba disponibilizada por uma ONG alemã chamada “GTZ”, apoiado pelos governos do Município e do Estado que enviaram a Pelotas recursos para serem aplicados em infra-estrutura com comunidades carentes. O bairro Dunas foi escolhido por já estar organizado e possuir uma dinâmica de movimentos sociais, como a Associação do Bairro, desde 1990.

A “Associação de Moradores do Bairro” definiu a aplicação do recurso recebido na construção de uma quadra de esportes e lojas nas quais os moradores pudessem trabalhar e administrar seus micro-negócios. Formou-se uma escola solidária e incubadora de cooperativas onde se desenvolvia artesanato e alimentação alternativa. Em 2005 as cooperativas acabaram e ONGs iniciaram sua inserção na comunidade trabalhando com a idéia de formação e capacitação dos moradores. Trata-se do “UNE Periferia”, que se tornou muito forte e acabou assessorando o CDD, com ações sociais como o observatório de proteção à vida, que, por exemplo, verifica os índices sociais do bairro. Em 2006 o CDD cede o prédio para o projeto “Casa Brasil”, agora denominado de “Transformatório Social Dunas-Mundo”, projeto de informação e comunicação para estimular o fortalecimento da organização autônoma da comunidade Dunas, através do CDD, articulada com a “Rede EmComun do Open FSM”, todos articulam a formação e capacitação dos moradores do bairro. Atualmente o “CDD” conta com: sala de computação, biblioteca, cozinha experimental, sala de leitura, auditório, telecentro. Além de oferecerem diversas oficinas. O espaço é público e está aberta a comunidade, desenvolvendo atividades de formação, capacitação, cultura e promoção da qualidade de vida. O conhecimento e a cidadania morando todos juntos, esse é o slogan do CDD.

No bairro encontramos a Unidade de Saúde Dr. Izaias Lokschin, a população consultava nos postos dos bairros próximos e por isso acabou solicitando para a prefeitura um posto. A inauguração foi em 1993 e o primeiro prontuário, apenas em 1995, fato curioso por este ter começado há funcionar dois anos antes. Uma ampliação no prédio se deu a partir do orçamento participativo (mecanismo governamental de democracia participativa que permite aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente o orçamento de investimentos de

prefeituras municipais, através de processos da participação da comunidade) e em 2003 o novo posto foi entregue para a população do bairro, mas que hoje já não atende toda demanda da população.

O posto tem quatro médicos, dois enfermeiros-padrão, quatro auxiliares de enfermagem, um dentista, dois serventes, onze agentes de saúde, um assistente-social e cinco recepcionistas que revezam. O posto conta com o Programa de Saúde Familiar do governo Federal aos municípios com o objetivo de programar a atenção primária a famílias, que hoje é chamado de “Estratégia de Saúde Familiar”. Subdividido em três áreas, conta com equipes de um médico, uma enfermeira padrão, um auxiliar de enfermagem e seis agentes de saúde que atendem no posto e também fazem visitas nas casas.

A luta dos moradores deste local é intensa desde o início de sua formação e organização, conseguindo muitas coisas em benefício comum, mesmo ainda tendo que melhorar na sua infra-estrutura, mas por ser considerado o loteamento mais organizado do Brasil, ganha verbas e acaba servindo de modelo para outros loteamentos.

No bairro, desenvolvemos as oficinas em espaços do CDD, com um “público” formado, principalmente, por mulheres entre 20 e 80 anos (como informado anteriormente, o projeto está aberto a jovens, homens e mulheres com idade superior a 12 anos).

Algumas observações podem ser feitas após as oficinas e ou diagnósticos com as Comunidades, como: Nem todas as mulheres que recebem algum tipo de benefício (por exemplo, vinculados ao auxílio “bolsa família” na Z-3 e Dunas) e ou participam de algumas ações desenvolvidas nos bairros (grupos da terceira idade, oficinas, ginástica, etc.), participam das atividades do projeto, umas por não terem vontade ou não gostarem, outras por não terem tempo (elas podem aparecer só em algumas oficinas ou a uma apenas e retornarem algum tempo depois). Notamos, também, em se tratando de “comunidade aberta” – onde todos podem participar – que não há uma coesão/permanência dos mesmos sujeitos, pois eles são “livres” em suas participações e que o trabalho em/para/com/pela comunidade demanda tempo, constância, persistência e paciência, contribuindo para o alcance dos objetivos propostos.

Os locais, onde são ministradas as oficinas – salão paroquial e CDD – também são utilizados em outras atividades como: aluguel para festas e bailes, atividades da própria Igreja, oficinas em geral, outros grupos de ações, etc., então dependemos da agenda do local, que pode ser informada com alguns dias de antecedência ou apenas na hora que chegamos (por exemplo, fomos informados pelo Presidente da Diretoria do Salão Paroquial da Z-3 que se for o caso de não pudermos utilizar o mesmo para as oficinas, ele tentará agendar/conseguir outro clube local, que por ser um clube também dependemos da agenda e no bairro Dunas, pois se estiverem utilizando o auditório, poderemos desenvolver as atividades na cozinha ou sala de leitura).

No capítulo a seguir apresento reflexões, teóricas-práticas com o projeto, através das revisões de conceitos e estudos relacionados à práxis, teatro comunitário e teatro do oprimido.

### 3 Práxis e reflexão: o Projeto em ação

Os pressupostos teóricos, que norteiam e dão suporte a pesquisa, foram levantados durante o processo de montagem do pré-projeto da disciplina de Projeto em Teatro I (disciplina do Curso de Teatro-Licenciatura, desenvolvida no 7º semestre do ano de 2011), e baseado em teóricos, como Augusto Boal, Paulo Freire, Bertold Brecht, Moacir Gadotti, além de grupos ou centros de estudos do Teatro do Oprimido, como exemplos, o CTO (Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro), NETO (Núcleo de Estudos do Teatro do Oprimido de Porto Alegre), GTOC (Grupo de Teatro do Oprimido de Coimbra), O GTO LX (Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa) entre outros.

Parto aqui das reflexões “teórico-práticas” e pessoais que faço, após dezesseis meses de trabalho com o Grupo TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade) – Projeto de extensão coordenado pela Professora Fabiane Tejada e com a participação de acadêmicos do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel. O projeto é realizado nos sábados à tarde, com encontros de aproximadamente três horas, nos bairros citados anteriormente – um sábado em cada bairro – com grupos formados praticamente por mulheres das comunidades.

Semanalmente, antes do trabalho nos Bairros, o Grupo TOCO se reúne com o objetivo de estudar os referenciais teóricos relacionados com o Teatro do Oprimido e para avaliar o trabalho anterior realizado no bairro e preparar o próximo. Para as oficinas utilizamos jogos de aquecimento, alongamentos, integração e outros que encaminhem a utilização das técnicas, de Teatro Fórum e Teatro Imagem, desenvolvido por Augusto Boal no trabalho com o Teatro do Oprimido<sup>5</sup>, além de uma “conversa” com o grupo para saber se houve alguma “mudança” na opressão “mostrada” no encontro anterior.

---

<sup>5</sup> Método elaborado e utilizado por Augusto Boal para o trabalho com opressões, que reúnem jogos, exercícios e técnicas teatrais através da utilização de sons, imagens e palavras. O modelo de prática cênica e pedagógica desenvolvidos por ele apresenta o Teatro Jornal, o Teatro Imagem, o Teatro Invisível, o Teatro Legislativo, o Teatro Fórum e o Arco-Íris do Desejo. Na obra *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*, de Augusto Boal, o autor apresenta e explica as técnicas mencionadas.

No final da oficina com o grupo, “estimulamos” uma avaliação do encontro, através do diálogo/fala ou depoimentos por escrito ou painel/cartaz, montados por eles, com figuras e palavras retiradas de revistas e jornais.

Em nossa práxis-pedagógica provocamos, através do diálogo<sup>6</sup> proposto nas cenas teatrais, o olhar das pessoas para as opressões que fazem parte do seu dia-a-dia, tornando-as conscientes das situações e mecanismos sociais que promovem tais opressões – cabe salientar que a palavra “diálogo” está centrada na promoção e conscientização dos sujeitos, através do entendimento e ou visão de mundo – para Freire a conscientização dos sujeitos pode se dar através do “diálogo”, exprimindo um pensamento em comum, através da realidade concreta que os torna atuantes e críticos. A visão ou entendimento de mundo tem que serem consideradas em nossa própria “leitura” das realidades dos sujeitos que trabalhamos, para que possamos “dialogar”, através dos seus saberes, como aponta Freire:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho, fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, p.81).

O “diálogo cênico” faz parte dos pressupostos do trabalho com o Teatro do Oprimido – a seguir, destaco duas modalidades/técnicas que o projeto TOCO trabalha nas comunidades, como: Teatro Imagem que é a técnica ou modalidade onde é montada uma “imagem” congelada de uma opressão e é solicitado que os “espectadores” identifiquem a opressão – o quem, o onde e o que? – e modifiquem – transformando a opressão – através de um “diálogo” não-verbal e transformador que as torne conscientes. Teatro Fórum que é a técnica ou modalidade, onde é montada uma cena de opressão, através do uso da palavra – diálogo – com “regras”

---

<sup>6</sup> Segundo Jaime Zitzoski, no dicionário Paulo Freire (2008, p. 130) o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizador.



estabelecidas e informadas aos “espect-atores”<sup>7</sup>. A cena é apresentada uma vez na íntegra e os espect-atores são estimulados a entrarem e modificar, sendo que podem ser repetidas quantas vezes forem necessárias, até que achem uma solução em concordância com os outros espectadores. Quando as opressões aparecem na cena teatral o desafio é encontrar possibilidades de sua superação, através de uma nova cena que será caminho de transformação.

As definições, conceitos e “visões” sobre práxis estão baseados em teóricos citados anteriormente, que revelam o sentido da ação como reflexão prática. A palavra tem origem em pensamento filosófico “Aristotélico”, pois ele consagrou a palavra para designar ações intransitivas e morais. A palavra que se transforma em ação, foi resultando em outras significações dialéticas entre o ser/estar e o fazer/pensar, como base de transformação.

Em Paulo Freire pude identificar a práxis, quando aborda no capítulo: Dialogicidade – Essência da educação como Prática da Liberdade, onde o autor diz:

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Essa busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão... Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (FREIRE, 2005, p. 89).

A práxis desenvolvida no CTO<sup>8</sup> trabalha em fundamentos teóricos e práticos, através do método do Teatro do Oprimido, proporcionando as possibilidades de diálogos das realidades, representadas através de linguagens verbais e não-verbais, impulsionando o autoconhecimento, o conhecimento do outro e o de mundo

---

<sup>7</sup> Termo utilizado por Boal para nomear os espectadores que tem a função e ou são estimulados a trocarem de lugar com o “ator” e utilizarem o diálogo cênico como meio de transformação da opressão – dentre as regras estão: só poder manifestar a modificação da opressão apresentada se entrar no jogo cênico – que define a própria cena apresentada, como um jogo que possui regras definidas/estabelecidas, onde os espect-atores se inserem na “cena-jogo” - trocando de lugar com o opressor ou oprimido – sendo que se trocar com o opressor tem que “insistir” ou “intensificar” a opressão e se trocar com o oprimido, achar uma “solução” – não mágica – para a transformação da situação

<sup>8</sup> A sigla CTO é definida como Centro do Teatro do Oprimido que tem sede na cidade do Rio de Janeiro e foi fundado pelo teatrólogo Augusto Boal e uma equipe multidisciplinar de profissionais da área da psicologia, educação, teatro, entre outras.

(sociedade, Estado, comunidade, etc.). Segundo Bárbara Santos, Coringa<sup>9</sup> do CTO<sup>10</sup>:

A Estética do Oprimido, a mais recente pesquisa desenvolvida por Boal e a equipe do Centro de Teatro do Oprimido, é a seiva que alimenta a Árvore, desde as raízes passando pelo tronco, atravessando galhos e folhas. A Estética do Oprimido tem por fundamento a crença de que somos todos melhores do que supomos ser, e capazes de fazer mais do que aquilo que efetivamente realizamos: todo ser humano é expansivo. (BÁRBARA SANTOS).

Através dos diálogos propositivos, onde são estimuladas as transformações das realidades dos sujeitos e das comunidades em que se inserem – ou que estão inseridos, que deve estar calcado o trabalho com os sujeitos nas comunidades.

Definido e entendendo o sentido de práxis nos diferentes referenciais, citados anteriormente, encontramos, primeiramente, o conceito mais amplo da palavra que diz ser teoria e prática ou saber e prática. Em Freire a práxis está no “diálogo e na palavra”, através da fala ou de uma imagem podemos nos enxergar e enxergar o outro e ao mesmo tempo dialogar, nos transformar. No CTO, podemos encontrar a práxis, nos trabalhos desenvolvidos pelo centro, através do diálogo que contribui para as transformações e modificações de realidades opressoras.

Através da busca teórica sobre práxis, também procurei embasamento para a reflexão sobre oprimidos e opressores, de como para trabalharmos com os oprimidos precisamos, constantemente, trabalharmos com as nossas próprias opressões e ou refletirmos o quanto somos opressores. Segundo Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*:

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores. (FREIRE, 2005, p. 33).

---

<sup>9</sup> A palavra Coringa refere-se a um sistema utilizado inicialmente por Augusto Boal no espetáculo *Arena conta Zumbi*, encenado em 1965, que tem como objetivo fazer com que os atores se revezam entre todas as personagens, teatralizando cenas fragmentadas e independentes, enquanto um ator coringa tem a função narrativa de fazer as interligações do que está sendo encenado. Atualmente, além de fazer as interligações, o “coringa”, também tem a função de “estimular” e “instigar” a participação dos espect-atores, em técnicas como o Teatro Fórum e Teatro Imagem.

<sup>10</sup> Comentário disponível em: <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/estetica-do-oprimido>. Acesso em: 15/05/2011

Com as técnicas de Teatro Fórum e Teatro Imagem procuramos, nas comunidades que tivemos contato, incentivar a transformação dos sujeitos e da sua realidade através do diálogo – uma investigação estimulada sobre opressões, oprimidos e opressores – a sua verdade. Como diz Augusto Boal no livro *A Estética do Oprimido*:

*A Estética do Oprimido* não inventou nenhuma panacéia para os males da cidadania, mas com ela é possível reverter o curso da acelerada desumanização dos oprimidos nesta época sombria. Como a humanidade sempre esteve dividida, os opressores determinam formas e conteúdos da arte, impõem visão do mundo a todo mundo. É normal que os oprimidos contra isso se rebellem. A estética do Oprimido busca criar seus próprios valores, sua verdade. (BOAL, 2009, p. 168).

Assim como pensou Boal sobre o seu trabalho, o Grupo TOCO não tenta inventar ou ser a poção mágica para a “cura” dos oprimidos, mas sim o “meio” facilitador, através das técnicas do Teatro do Oprimido, para que os mesmos construam as suas “vozes libertadoras”, através do diálogo.

A definição do Método Teatral utilizado por Augusto Boal com o Teatro do Oprimido - que tem a estrutura na transformação através do diálogo e da palavra. Segundo, Bárbara Santos – Coringa do CTO<sup>11</sup> é:

Um Método teatral que se baseia no princípio de que o ato de transformar é transformador. Como diria Boal, aquele que transforma as palavras em versos transforma-se em poeta; aquele que transforma o barro em estátua transforma-se em escultor; ao transformar as relações sociais e humanas apresentadas em uma cena de teatro, transforma-se em cidadão. Um Método que busca, através do Diálogo, restituir aos oprimidos o seu direito à palavra e o seu direito de ser. Boal sempre insistiu que as técnicas que compõem o Método do Teatro do Oprimido não surgiram como invenção individual e sim como consequência de descobertas coletivas, a partir de experiências concretas que revelaram necessidades objetivas. (BÁRBARA SANTOS)

O Método do Teatro do Oprimido tem sua raiz na palavra “transformação”, consequência da “dialogicidade” (que é termo utilizado por Freire, com o sentido de diálogo libertador) individuais e coletivas, centrados nos sujeitos e suas relações com o mundo (meio). O método se torna uma consequência da práxis e o contato direto com as descobertas e as experiências concretas. E no momento em que

---

<sup>11</sup> comentário disponível <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-do-oprimido>. Acesso em 15/05/2011

descobre a si e o outro, e a palavra que representam no coletivo, se desacomodam, se inquietam, como diz Freire:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalar na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 2002, p.31).

Através do método, podemos desafiar os sujeitos a descobrirem as suas palavras e verdades, mesmo que provisórias, e fazer com que eles indaguem, problematize, e que as respostas os levem a novos questionamentos, assim como a sua libertação que se dá através da apropriação dos pensamentos (simbólicos e sensíveis<sup>12</sup>) para que se tornem conscientes das realidades que o cercam e transformá-la. Claro que temos um “poder” que tenta controlar usando meios/canais de convivência dos sujeitos, através de imagens e palavras, como meio de monopolização, produzindo cidadãos estáticos, obedientes e que produzam apenas o que convém. “O pensamento sensível é a arma do poder – quem o tem em suas mãos, domina” (Boal: 2009, p.18).

No projeto TOCO tentamos, através de “rodas de conversas”, com o levantamento de possíveis opressões e as técnicas de Teatro Fórum e Teatro Imagem, fazer com que os sujeitos trabalhem no sentido de se “apropriarem” dos pensamentos e os transforme em seu benefício. Esta apropriação é lenta e progressiva, porque a partir do momento em que trabalhamos os conjuntos de pensamentos, voltamos à realidade “opressora”. E é através do trabalho com os pensamentos, das trocas, das experiências e do resgate de pensamentos “acomodados ou adormecidos” que daremos “voz” a “pensamentos transformadores”.

Para tentar descobrir as *palavras* dos sujeitos que trabalhamos nas comunidades, o próximo capítulo, apresento a análise e a interpretação dos resultados, partindo da coleta de dados feitas com entrevistas e avaliações dos métodos utilizados com o Teatro do Oprimido nos bairros Dunas e Z-3.

---

<sup>12</sup> Segundo Boal o pensamento sensível refere-se a sons e imagens, e o pensamento simbólico refere-se à palavra.

#### 4 A “ação-reflexão” como resultado

No capítulo que segue vou abordar os resultados com as oficinas realizadas nas comunidades pelo projeto TOCO , assim como as reflexões sobre estes resultados, partindo dos depoimentos dos participantes do projeto e dos sujeitos das comunidades.

Para os depoimentos utilizei “fichas” que apresentavam uma questão elaborada para cada grupo de envolvidos no projeto. Abaixo destaco as questões e indico o grupo para quem a pergunta foi feita

*Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?* – solicitei respostas dos componentes do Grupo TOCO – atuais e os que já participaram e dos “líderes / organizadores / facilitadores” comunitários – identificados como Assistentes Sociais, Dentistas ou Enfermeiras.

*Você gostou de participar das oficinas do TOCO? O “teatro que a gente trabalhou” fez ou estimulou alguma transformação na “realidade” pessoal ou da comunidade?* Referem-se a depoimentos dos sujeitos (mulheres) das comunidades, participantes das oficinas.

Os nomes das pessoas que responderam as perguntas serão preservados. Para identificar cada um, utilizarei nomes “fictícios”, inspirados em personagens de textos dramáticos de autores como: Frederico Garcia Lorca, Tennessee Williams e William Shakespeare<sup>13</sup>. Os nomes dos componentes e ex-componentes do Grupo TOCO serão usados, pois foram autorizados, assim como os relatos que constam nos arquivos do *blog* do grupo. As fichas respostas e os depoimentos ficarão guardados e não serão anexados ao trabalho para que se possa preservar a identidade dos entrevistados.

---

<sup>13</sup> Os textos dramáticos citados são: “Um Bonde Chamado Desejo” de T. Williams; “A Casa de Bernarda Alba”, de F.G. Lorca; “Macbet”, “As Alegres Matronas de Windsor” e “Otelo”, de W. Shakespeare.

Também como depoimento, utilizarei as reflexões feitas pelos componentes do Grupo TOCO, nas escritas que fizeram no encerramento das atividades no final do ano de 2010, disponíveis no blog do Grupo<sup>14</sup>.

Também, aproveitando, para expor que no ano de 2010 o Grupo, além das oficinas nos bairros, participou de atividades, oficinas e relatos em eventos como: *Semana Acadêmica do Direito da UFPel, XIII Fórum de Leituras Paulo Freire realizado na UNIJUÍ, Encontro de estudantes de Química da PUC-RS, II Seminário Arte na Escola promovido pelo Centro de Artes da UFPel e Seminário de Estética Teatral* promovido pela disciplina de Crítica Teatral do Curso de Teatro Licenciatura da UFPel

Parto aqui, da análise dos relatos escritos no final do ano de 2010 pelos componentes do Grupo TOCO, como resultado das oficinas e atividades desenvolvidas no ano corrente.

Os relatos refletem a prática com o Teatro do Oprimido e a teoria estudada durante a formação acadêmica, associadas a teorias que deram suportes a continuidade do Projeto, com a reiteração dos objetivos iniciais, além de estimular a reflexão para o trabalho no ano de 2011.

Abaixo, segue parte do depoimento e/ou relato da ex-componente do Grupo Ana Alice Muller, publicado no blog no mês de dezembro de 2010.

Mais do que fazer teatro, trabalhar nas comunidades com o teatro do oprimido é participar de um processo humano, coletivo e complexo. E até que ponto esse nosso trabalho pode vir ao encontro do auxílio das pessoas que entram em contato com esse fazer teatral, suas possibilidades e intencionalidades? [...] A confiança de que o trabalho do TOCO está alcançando seu objetivo, é percebida pela vontade que os espect-atores têm de entrar no jogo, e suas fisionomias quando estão tentando uma solução para a cena proposta, se tornam fortes e confiantes. O fascinante no trabalho do TOCO é o fato dele buscar uma intervenção junto a um determinado seguimento da sociedade, visando à inclusão social e o desenvolvimento humano onde ele atua, é a arte contribuindo na construção da cidadania, e de onde possa deixar multiplicadores atuando nestas comunidades, capazes de se fazerem agentes transformadores da rotina opressora que os rodeia. Estimulando cada vez mais a descoberta desses novos caminhos, provocando aos atores sociais e aos espect-atores para que estes visualizem novos rumos, onde o teatro possa se desenvolver. Através de jogos, técnicas e exercícios do arsenal do oprimido [...] Portanto, a função da prática é a de agir sobre o mundo para transformá-lo. E assim como um espelho refletor o TOCO vem procurando fazer seu papel social é nisso que nós os participantes deste projeto acreditamos.

---

<sup>14</sup> Os relatos estão disponíveis nos arquivos dos meses de dezembro de 2010 e janeiro de 2011, no blog do Grupo TOCO, com endereço eletrônico: <http://tocoufpel.blogspot.com/>.

Na escrita, podemos notar que Ana aborda questões relativas à contribuição do trabalho do Grupo na inserção social dos sujeitos, reiterando o alcance dos objetivos do Projeto e da arte a favor da transformação social e construção da cidadania, além do reconhecimento do sujeito de seus potenciais libertadores de opressões.

Os objetivos são alcançados quando é percebido o envolvimento dos sujeitos participantes das oficinas, conforme a escrita de Ana “é percebida pela vontade que os espect-atores têm de entrar no jogo, e suas fisionomias quando estão tentando uma solução para a cena proposta, se tornam fortes e confiantes”. A escrita reitera a minha própria percepção relativa à resposta dada a questão de pesquisa, que o trabalho com o Teatro do Oprimido pode transformar.

Abaixo segue o relato/depoimento de Joice Lima (ex-componente do Grupo), referente ao trabalho no decorrer do ano de 2010, publicado no blog no mês de janeiro de 2011:

*Integrar o grupo de Teatro do Oprimido na Comunidade, ao longo destes oito meses, tem sido uma experiência quase inenarrável[...]O alicerce do nosso trabalho está firmado em duas ideias-bases muito sólidas: do pedagogo Paulo Freire e do teatrólogo Augusto Boal. Freire pensa a educação, tendo por “arma” a palavra; Boal pensa o teatro e a ação teatral é seu instrumento de luta. Ambos, contudo, focalizam a batalha no mesmo inimigo: a opressão, percebem a importância da história pessoal e da cultura da comunidade no processo de emancipação e defendem a reflexão, seja por meio da palavra ou da ação teatral, como caminho para a conscientização do homem como ser político, que precisa estar ciente de sua situação de oprimido para ser capaz de superá-la[...]É curioso pensar que, mesmo quem nunca fez teatro, nunca sequer cogitou ser ator, no momento em que se sente provocado pela cena apresentada, “se joga” na proposta e esquece que é teatro. Naquele momento, por breves instantes, as pessoas ficam tão envolvidas com a situação, ao se identificarem com ela[...] Às vezes as soluções para os problemas aparecem na hora. Outras, não. Mas a frustração é burlada pelas pequenas conquistas de cada encontro[...]O que me estimula é a ideia da sementinha que elas podem estar levando dentro de si e que pode vir a germinar a qualquer momento[...]Pelotas, 13 de dezembro de 2010. Joice Lima.*

No relato da colega Joice ela comenta que o trabalho com o Teatro do Oprimido nas comunidades é uma “*experiência quase inenarrável*” e que a base da proposta está ligada a idéias, fundamentadas nas teorias de Paulo Freire e Augusto Boal – a palavra e o teatro como instrumento de voz e luta pelas opressões. As transformações nos sujeitos – que é a questão da pesquisa, podem não estar descritas claramente e ou estarem apenas em suposições, mas identificamos no momento em que ela comenta que *as pessoas se jogam nas propostas, quando se*

*sentem provocadas e envolvidas com as situações apresentadas e acabam se identificando e de “teatro” a cena passa a ser uma “realidade” que muitos podem já terem vivenciado e que as mesmas podem ser mudadas.*

A seguir apresento o depoimento/relato de Lucia Berndt (componente do Grupo desde a sua formação), publicado no blog do Grupo no mês de janeiro de 2011:

*[...]Houve muitos diálogos e reflexões sobre os trabalhos que íamos fazendo, tudo como forma de avaliação e também planejamento para os próximos. Verificando os resultados, todos juntos, poderíamos ir trabalhando com os problemas para surgirem às reflexões e com elas as mudanças, tanto nas comunidades como no próprio grupo, ainda inexperiente e talvez até muito inseguro, pois alguns membros tinham experiências apenas com a teoria[...]. Com o TOCO me sinto eternamente entusiasmada, quanto mais penso que estou certa, mais penso que preciso mudar, com o trabalho nas comunidades percebo a importância de não me tornar uma opressora, isso é muito fácil, o cuidado e controle tem que ser diário, pois se enfrenta muitas adversidades e estas fazem com que nos tornemos rígidas demais, tanto conosco como com os outros[...]. Nas reflexões e leituras que fazemos sinto (e quero) que as comunidades tenham mais participação, respeito, responsabilidade, empoderamento, interconectar-se com os problemas sociais, serem mais otimistas e terem esperança nas transformações que podem ser feitas por eles[...]. Acho que tem que se romper com a lógica do “se apanho tenho que bater”, na verdade discutir bastante o conceito dos direitos e deveres, para terem mais responsabilidades nas suas atitudes, como diz o Boal “O teatro é uma arma e é o povo quem tem que manejá-la”[...]. Fazer o teatro do oprimido está sendo um diálogo diante de cada contexto apresentado, tenho que buscar permanentemente o conhecimento destas realidades, estabelecendo a escuta e a construção efetiva das condições dialógicas junto a cada grupo, para surgir então, a práxis. Lucia Elaine Carvalho Berndt*

Na escrita da colega Lucia, observa-se que ela descreve o Grupo, da sua formação até o trabalho nas Comunidades, entremeando as práticas e os sentimentos como alicerce do trabalho, aliados a construção dialógica e a práxis. As transformações podem ser notadas quando ela comenta da reflexão enquanto Grupo e sujeito, rompendo com lógicas pré-estabelecidas ou impostas. É a importância da própria transformação opressora que corrobore na transformação dos “outros”.

Através dos relatos apresentados, observa-se que, através do contato direto com as Comunidades e os sujeitos, podemos conhecê-los, além de identificarmos possíveis opressões (pessoais e ou coletivas) que fazem parte do dia-a-dia, partindo da práxis com o Teatro do Oprimido na Comunidade. Os relatos/depoimentos “dialogam”, direta e indiretamente, com os pressupostos teóricos levantados anteriormente e confirmam o poder “transformador” e a “dialogicidade”, termos



utilizados por Boal e Freire, com o intuito de “libertação”. Além de ratificar a importância de conhecer a si e os outros (o lugar que ocupamos. O lugar que o outro ocupa, e as relações individuais e coletivas); como diz Freire quando afirma que precisamos ir “lendo cada vez melhor as leituras do mundo”, deve ser um dos objetivos de quem trabalha com as comunidades e seus sujeitos, e a relação com estes não podemos desconsiderar “seu saber de experiência e sua explicação do mundo que faz parte da compreensão de sua própria presença no mundo” (FREIRE, 1996, p.81).

A seguir apontarei as oficinas realizadas nos Bairros Z-3 e Dunas no decorrer do ano de 2011. Para tanto, separei em dois blocos, no primeiro abordarei as oficinas realizadas na Comunidade Z-3 e no segundo as do Bairro Dunas. Para poder separar as oficinas, determinei chamá-las de “oficina” – seguida de um número (como exemplos: Oficina 1, Oficina 2). Nos apontamentos serão observados apenas alguns dados, como: Quantos sujeitos estavam presentes nas oficinas; os nomes fictícios; A “Imagem” ou o “Fórum” que surgiu no final de cada uma; As avaliações ou depoimentos dos sujeitos participantes das oficinas, assim como os dos componentes do Grupo que ministram as oficinas.

Abaixo apontarei as Oficinas realizadas no Bairro Z-3, até o mês de julho de 2011.

#### **Oficina 1:**

Na oficina estavam presentes cerca de doze mulheres, quatro líderes/facilitadores/coordenadores do bairro (*Bernarda Alba, Angústia, Martírio e Madame Ford*) e perto de trinta crianças com idades variadas.

Como resultados, surgiram duas “imagens” feitas pelas crianças, duas “imagens” e um “fórum” feitas pelas mulheres como:

Imagem 1: com as crianças montamos a imagem com a situação de um assalto em um ônibus de linha (com motorista, passageiros, cobrador e assaltantes) e no lado externo, policiais apontando armas para o veículo, do outro lado pessoas apavoradas, e do outro duas professoras saindo da escola com seus alunos;

Imagem 2: com as crianças montamos uma cena/imagem que mostrava “um cotidiano” das crianças no bairro: alguns jogando bola no campo, outros soltando pipa e algumas meninas decidiram formar imagem como se estivessem dançando

balé – fugindo um pouco da realidade ou quem sabe manifestando desejos. A imagem foi sugestionada pelas crianças.

Imagem 3 – primeiro grupo: as mulheres apresentaram uma imagem mostrando a dificuldade da pesca, principalmente a do camarão em épocas de crise.

Imagem 4 – segundo grupo de mulheres: apresentaram uma imagem com uma situação de jovens e crianças “usando” drogas nos becos do bairro.

Fórum: com as mulheres de apenas um grupo, foi montado, seguindo o tema apresentado com o uso de drogas pelos jovens.

O “Fórum” e as “Imagens”, montadas pelas crianças e mulheres, foram apresentados ao grande grupo, onde foram feitos questionamentos referentes à identificação dos elementos e da situação, assim como a “modificação” das situações apresentadas nas “cenas” (Imagem e Fórum).

Como resultados, apontamos e observamos algumas “falas” das crianças, das “líderes” e das mulheres. Para as crianças – como foi à única vez que participaram das oficinas – utilizei em substituição de nomes, em cada apontamento de fala, as letras do alfabeto, em sequência.

**CRIANÇAS:**

**A:** *Eu vim ver um teatro;*

**B:** *Eu não to a fim de fazer nada... Estou cansado;*

**C:** *Nós fomos ver o “Bebé”;*

**D:** *Eu gostei do “Bebé”;*

**E:** *Nós vamos brincar de que agora?;*

**F:** *A polícia sempre passa correndo aqui... De carro... A toda;*

**G:** *A polícia vem com arma pra prender;*

**H:** *Eles vão pros becos... Porque lá eles ficam fumando;*

**I:** *A gente vai à escola, brinca no campo... Jogando bola... Andando de bicicleta... Soltando pipa;*

**J:** *O ônibus demora um montão pra chegar aqui... Eu quase nunca vou pro centro... Fica longe... Lá praqueles lados (aponta);*

**K:** *Eu gosto de brincar com os meus amigos... Eu tenho um montão;*

**L:** *Meu pai é pescador e minha mãe fica em casa cuidando de mim e dos meus irmãos... Esse aqui é meu irmão;*

*M: Tio eu até faço... Mas não me chama para falar nada lá na frente e nem me pergunta nada porque senão eu não faço tá?;*

*N: A gente pode montar uma imagem de um dando um soco no outro... De luta... De briga;*

*O: Eu quero ser o ladrão... Eu quero ser o policial (troca constante);*

*P: Eu não quero ser nada;*

*Q: Eu quero ser o Homem-aranha;*

*R: Tio, vamos fazer o “fulano” (personagem de algum desenho que não conheço) ele luta assim (mostra);*

*MULHERES (nomes fictícios: **Jajá, Jeje, Jiji, Jojó e Jujú**)*

***Jajá:** Será que devemos mostrar isso na frente das crianças (imagem das drogas);*

***Jeje:** Não sei se elas vão entender... Ou vão levar para o outro lado (medo que a imagem estimule o consumo de drogas ou ensine);*

***Jiji:** Eu pensei que elas (crianças) iriam apresentar algo relacionado com o que aconteceu naquela escola do Rio... Porque é o que estão comentando;*

***Jojó:** Eu gostei muito de fazer;*

***Jujú:** Eu vou voltar no próximo encontro.*

Podemos observar como resultado da práxis, na oficina apresentada, as cenas de Teatro Imagem e Teatro Fórum, assim como nas falas das mulheres e crianças. Os “temas” abordados nas cenas referem-se a “realidades” vividas ou presenciadas no cotidiano do Bairro e dos sujeitos. E confirmam, conforme os pressupostos teóricos abordados, que para a “emancipação” dos sujeitos e “libertação” das opressões, devemos trabalhar com as realidades que são apresentadas. Pois estas, demonstradas na cena teatral e nas falas, mobilizam os interesses dos sujeitos pelas transformações do que os oprimem no dia-a-dia.

## **Oficina 2:**

Participaram da oficina cerca de vinte e cinco mulheres e duas líderes/facilitadoras da comunidade (**Bernarda Alba e Martírio**), foi observado que

apenas uma estava na oficina anterior. Todas as mulheres são moradoras da comunidade.

Para o trabalho com o “Teatro Imagem”, dividimos as participantes em dois grupos. O primeiro apresentou como imagem o tema do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), escolhido pelo grupo, pois comentaram sobre a “violência” que os pescadores sofrem quando o IBAMA invade os barcos dos pescadores. Em nenhum momento procuramos questionar se o IBAMA está certo ou errado, apenas foi escutada a “versão” contada pelas mulheres dos pescadores, que argumentavam as “perdas monetárias” e a “violência” que sofriam quando os funcionários do Instituto invadiam os barcos, acarretando: prisões, multas, fianças, perdas e apreensões de materiais. O segundo trabalhou uma imagem que tinha como tema do uso de drogas - as mulheres comentaram estarem preocupadas, pois estão vendo diversas situações de indivíduos utilizando diferentes tipos de drogas, próximos aos locais de convívio, gerando insegurança e medo, principalmente pelas crianças do bairro. Foi comentado por Lucia que *“os filhos tem que ter uma orientação em relação ao que, como e o que as drogas fazem”*, e Blanche, uma participante que tem três filhos jovens, alegou *“que isso não adianta, pois os filhos dos ricos têm toda orientação do mundo e mesmo assim se drogam”*. Stella, outra participante, falou que: *“a pastoral da criança pode ser uma saída para essas crianças terem alguma atividade, e poderem ter informações e falar sobre drogas”*. A imagem apresentou alguns indivíduos usando drogas e bebendo na frente do Posto de Saúde, e uma mulher chegando para pedir atendimento, demonstrando estar apavorada e estarecida com a situação.

No final da oficina, disponibilizamos materiais como: papel pardo, revistas, jornais, tesouras, cola, fitas adesivas e lápis de cor, para que elas “expressassem” e ou “falassem”, através da confecção de um cartaz, expondo o que sentiram e aprenderam com a oficina. Foram dois cartazes dos grupos, onde colocaram informações, como: *“o trabalho solidário em grupo, o bem estar que sentiram na tarde com a oficina, a sensação de serem atrizes, das ideias que tiveram, as barreiras da timidez que venceram, o pensar num futuro próspero, falar na educação, nas suas crianças, o trabalho levado a sério mas sem se aborrecer”* – comentários das mulheres nos grupos enquanto passavam as informações que estavam nos cartazes.

Fala da Sra. **Pôncia**, quando estava fazendo o cartaz: *“Foi uma terapia da paz que normalmente eu não tenho, me senti muito bem.”*

Na oficina apresentada, podemos observar que na práxis, o Grupo trabalhou nas cenas do Teatro do Oprimido com situações vividas pelas participantes da oficina – temas relacionados ao cotidiano dos sujeitos e dos seus saberes, na troca de experiências – e como resultado o diálogo e a palavra (como agente de transformação) através dos cartazes e das falas – aqui também, fica confirmado, a importância de trabalharmos com as realidades como agente de transformação (o quão importante é sabermos escutar e aprender com estas realidades, facilitando a troca de saberes como componentes “educativos” e de “dialogicidade”).

### **Oficina 3:**

Participaram da oficina seis mulheres (**Blanche, Stella, Pôncia, Prudência, Adela e Desdêmona**) e duas líderes / facilitadoras / responsáveis da comunidade (**Angústia e Martírio**).

Após os jogos de aquecimento/alongamento e interações, dividimos os participantes em dois grupos, para que fossem feitas avaliações e levantamento de possíveis opressões que poderíamos trabalhar no dia.

Conseguimos, apenas com um dos grupos, montarem um “Teatro Fórum”. As mulheres apresentaram a situação da fila que se forma, na madrugada, em frente ao posto de saúde, para que se consiga uma ficha de atendimento médico, onde existe um “vendedor de lugares” e outros na fila. O vendedor acaba tirando o lugar de quem realmente precisa. As tentativas para solucionarem os problemas, foram diversas, porém não conseguiram “resolver” o problema apresentado, pois tiveram muitas dificuldades. Algumas argumentações/falas: *“Se é para um familiar, não têm problema”*, outra: *“Isso não está certo... Muitas vezes a gente vem doente para a fila e têm outros guardando o lugar”*, outra: *“Eles dão poucas fichas por dia, por isso tem que ficar na fila de madrugada”*.

A oficina transcorreu conforme o roteiro montado para o dia. Conseguimos alcançar os objetivos com os jogos até chegarmos no “Teatro Fórum”.

Na oficina apresentada, podemos observar que, apesar de ser um relato sem muita “consistência dialógica”, o poder transformador pelo diálogo, aparece na cena do Teatro Fórum – que trabalhou, novamente, com as realidades dos sujeitos

(situações que ocorrem no posto de saúde do Bairro) e os “diálogos” que modificaram a própria cena, podem servir como meio para a “transformação” do sujeito “individual” que, conseqüentemente, transformam o coletivo.

#### **Oficina 4:**

Na oficina apareceram apenas quatro mulheres da comunidade (**Blanche, Stella, Prudência e Adela**), que já haviam participado das oficinas anteriores. As líderes / responsáveis / facilitadoras, não apareceram neste dia.

Começamos a oficina com alongamentos e aquecimentos, propostos no plano de atividades. Após, uma conversa com as mulheres explicando os objetivos do Grupo e solicitando que informassem se houve alguma modificação (pessoal ou coletiva) das opressões trabalhadas nas oficinas anteriores. Informaram apenas que: *“Gostam de participar das atividades”*; *“Apenas ficamos pensando... Mas não modificou nada”*.

Disponibilizamos os materiais (gravatas, bonés, chapéu, etc) para a cena de teatro imagem e elas propuseram trabalhar com um “assunto” que era desconhecido para nós.

As mulheres montaram uma cena com o tema “brasão dos barcos”. Refere-se à distribuição do auxílio/seguro que recebem quando estão proibidos de pescar. Elas quiseram demonstrar a tentativa de algumas mulheres ou alguns pescadores e ou familiares que solicitam o empréstimo do brasão para o recebimento do dinheiro, onde acham que é errada a atitude.

Outra cena apresentada foi quanto ao funcionamento do posto de saúde local, relativo à distribuição de fichas para atendimento médico, mostrando ou demonstrando “certo descaso”, por parte da atendente do posto, em relação a informações, e também da espera na fila na distribuição de fichas, que muitas vezes não são atendidas por ultrapassar o número diário de atendimento.

As participantes da oficina não quiseram escrever sobre a avaliação da oficina, preferindo fazer alguns comentários como:

**Stella:** *“Alguma coisa poderia ser feito em relação ao posto de saúde... Não sei o quê”*

**Blanche:** “A atitude de quem pede o brasão emprestado está errado... O certo seria saber dizer não... Assim a gente evita que dinheiro seja cortado”.

Na fala de **Blanche**, que remete a situação referente ao brasão, expôs todo um contexto que haviam comentado sobre o tema. Conforme a informação, cada embarcação têm um “brasão” (símbolo que identifica e registra os barcos), dando direito a um determinado número de pescadores (muitas vezes funcionários dos barcos) de receberem o auxílio do Governo, quando estão proibidos de pescar. Comentaram que é comum os “empréstimos” dos brasões, por parte de “alguns pescadores”, para familiares ou conhecidos (pescadores não registrados ou amadores e outros que sobrevivem de diferentes atividades). As pessoas que tomam emprestados os brasões procuram o órgão responsável para solicitar o auxílio (valor em dinheiro pago como seguro-desemprego). A indignação, por parte delas, está centrada no “medo” de que o Governo acabe “cortando” o benefício de quem realmente precisa (na maioria os próprios maridos ou companheiros).

O relato da oficina, no sentido de “libertação das opressões” (trabalhadas nas anteriores), dialogou com o “cotidiano” delas – trouxeram o tema do “brasão”, desconhecido da realidade do próprio Grupo – e transformaram em “diálogo cênico” as realidades da pesca e dos problemas de saúde pública no Bairro e em outras localidades. A “libertação da opressão”, mesmo que “momentânea”, aparece nos comentários das participantes em palavras como; “*poderia ser feito*”, “*está errado*” e “*o certo seria*”.

Abaixo, segue os relatos das oficinas realizadas no Bairro Dunas até julho de 2011.

#### **Oficina 1:**

Participaram da oficina seis mulheres da comunidade (**Madame Ford, Madame Pajem, Madame Leva-E-Traz, Calpúrnia, Pórcia e Ana Pajem**) e duas líderes/facilitadoras (**Lady Macbeth e Lady Macduff**).

Começamos as atividades, conforme o roteiro estabelecido para a oficina do dia. Os jogos de alongamento e ou aquecimento, facilitaram, para que se conseguisse trabalhar o restante das propostas, além do alcance dos objetivos com a montagem do Teatro Fórum ou Teatro Imagem.

No Teatro imagem, separamos em dois grupos. O primeiro apresentou uma imagem sobre a via principal do bairro Dunas, que foi asfaltada, e na falta de segurança e respeito que está acontecendo ali, tanto de motoristas imprudentes, como de pedestres desatentos. A falta de faixa de segurança, quebra-molas e calçadas. Na imagem, apresentaram um motorista que corria muito, um pedestre desatento, outros transeuntes esperando para atravessar e outro apavorado com um acidente que poderia acontecer. O segundo grupo apresentou uma imagem com a temática do “pronto socorro”, com as suas precariedades, além do “desdém” dos profissionais que atuam no local. Na imagem, apresentaram um doente deitado, onde uma enfermeira estava aplicando uma injeção, outro esperando pelo atendimento e sendo amparado pelos parentes e outro fazendo o médico que assistia tudo com certo “desdém”.

As duas “imagens” apresentadas remeteram a um debate sobre políticas públicas em saneamento e saúde, relacionando, a precariedade no atendimento básico a saúde e o descaso em relação a infra-estruturas básicas e segurança nos trânsito. Outros “assuntos”, também surgiram com o debate, no caso a “falta de consciência” em relação ao “lixo” no bairro. **Calpúrnia** – que podemos dizer que é uma “defensora” dos direitos e deveres dos moradores do bairro – contou sobre diversas situações relacionadas aos “descasos” das outras pessoas... *“Eles não cuidam nada!”*. **Pórcia**, disse *“Podia ser feito um mutirão... Ir para a rua pra mudar isso”*

Na fala de Pórcia podemos notar uma transformação pelo diálogo, no sentido em que ela sugere e estimula as outras pessoas a se manifestarem, além de tomarem “consciência” da situação de opressão.

Algumas impressões, falas das mulheres no decorrer da oficina (nenhuma delas quis escrever):

**Pórcia:** *“Eu achava que estaria indo assistir uma peça de teatro... Eu não posso participar nos sábados, pois tenho que trabalhar... Hoje troquei o dia para poder participar... Nas sextas eu posso!”*

**Calpúrnia:** *“Gostei de tudo que vocês nos apresentaram, a ginástica os exercícios, é bom botar para fora o que a gente acha, pensa, vocês são pessoas carismáticas. Meu genro me diz e eu concordo: só olhar novelas e jogo de futebol”*



*não se aprende nada... A gente até se esquece lá da rua... O que se quer falar, bota pra fora!”*

Na fala de **Calpúrnia**, podemos observar que ela acha importante expor os pensamentos, as indagações e indignações – o poder transformador pelos pensamentos e pela voz.

**Madame Ford:** *“Mexe com a cabeça da gente, é bom... Tá bom para a memória!”*

**Madame Pajem:** *“É sempre bom tudo!”*

**Ana Pajem:** *“Muito bom, eu que não sou de falar, falei!”*

**Pórcia:** *“Maravilha, achei que ia ver um teatro, é melhor que teatro... Talvez eu até mude o dia de trabalho para sexta, quando vocês vierem no sábado... Eu sou empregada doméstica e trabalho nos sábados”.*

**Lady Macbeth:** *“Maravilhoso interagir, falar de coisas sérias desta forma leve, não tão dramática, forte e chocante!”*

**Lady Macduff:** *“Achei bem educativo, para as pessoas se conscientizarem através do teatro... E mostrar sem ofender!”*

Como resultado, podemos observar que através da oficina relatada, o trabalho com as vivências e experiências dos sujeitos torna-se reflexões, desencadeando a transformação, motivadas pela vontade de poderem colocar em “prática” (práxis: ação + reflexão), através da “palavra” a “conscientização”, enquanto sujeito, do “poder transformador” – individual e coletivo.

## **Oficina 2:**

Participaram da oficina dezoito mulheres (algumas estavam pela primeira vez) e duas líderes/facilitadoras comunitárias.

As mulheres montaram duas “Imagens”, uma tratando do “lixo”, onde apresentavam pessoas reciclando e limpando e outras sujando e jogando o lixo para o bueiro – foi uma situação vivida e presenciada por **Ana Pajem**. Outra, tratando do “tema” Saúde, mostrando uma imagem de um atendimento pelo SUS, com as pessoas em uma eterna espera, onde os médicos apenas passavam, sem dar a mínima importância; e no outro, ao lado, a situação de um atendimento “particular”, onde estava o médico tratando de um doente e outros esperando com uma “feição” feliz e ou sem dor.

**Pórcia,** disse: *“Acho que não adianta fazer nada, pois nada muda mesmo”.*

**Madame Ford**, disse que: *“Poderíamos fazer um dia de mutirão na frente da secretaria da saúde, chamar as pessoas e promover um seminário em que pudessem fechar a rua e chamar atenção para o problema da saúde em Pelotas, juntando bairros e associações.*

Na fala de **Madame Ford**, observamos uma transformação para as situações apresentadas nas imagens, na medida em que ela propõe um mutirão e a conscientização para os problemas que os afeta. Podemos pensar, também, que as transformações e modificações podem ser absorvidas e ou internalizadas, refletindo em outras situações.

Na oficina relatada, podemos observar que os temas trabalhados, com as técnicas do Teatro do Oprimido, revelam uma “conscientização”, por parte das participantes da oficina do “poder transformador coletivo” – partindo dos temas “lixo” e “saúde pública” – “realidades” encontradas em âmbitos que “ultrapassam” as “vivenciadas” pelos próprios sujeitos, como disse Freire, 2005 “Na proporção em que discutem o mundo, vão explicitando seu nível de consciência da realidade, no qual estão implicitados vários temas”. Na medida em que “respondem”, através das respostas cênicas e dos comentários, o primeiro apontando que “nada pode ser feito”, o segundo que “pode ser feito”, cresce a perspectiva de um movimento em direção à “conscientização coletiva”.

### **Oficina 3:**

Estiveram presentes na oficina vinte e uma mulheres e uma facilitadora / líder comunitária – muitas já haviam participado das atividades anteriores.

Na oficina as mulheres propuseram fazer dois Fóruns com temas como: Falta d’água e o asfalto colocado na Rua 1, principal do bairro.

O primeiro, a falta de água no bairro, elas apresentaram algumas situações primordiais de uso racional da água, para que não falte, como exemplos, para beber, lavar roupa, cozinhar e tomar banho.

Soluções apresentadas no fórum: Ligar para a Sanep (ao qual não resolveu) e decidiram, então, ligar para a RBS TV (acharam que poderia ajudar, mas a maioria acha que não adianta).

O segundo Fórum, que se refere à faixa asfaltada, mostrou um motorista bêbado e uma criança atravessando a faixa insegura e correndo, sem adulto para

auxiliar e um guarda parado que não vê nada, e outra pessoa que acaba sendo atropelada.

As soluções apresentadas no Fórum foram: colocar uma faixa de segurança, principalmente na frente da escola; chamar a atenção do guarda; um adulto segurar a mão da criança para auxiliar a atravessar; o carro parando para que os pedestres possam atravessar a faixa e o motorista olhando cautelosamente para todos os lados.

Na oficina podemos observar que as cenas de Teatro Fórum apresentadas proporcionaram o “diálogo cênico”, de dois temas relacionados a “realidades” do bairro e de suas próprias “vivências”, enquanto sujeitos que podem ter o poder de “transformação” através da “palavra” e da “ação” – “palavração” – e da práxis. Boal (2009), fala que “A vida humana, social e política não pode enxergar de um olho só, se dois; andar como saci, numa perna só, se temos duas; abraçar com um só braço, ouvir com uma orelha...” . Os sujeitos precisam tornar-se conscientes das realidades que o cercam, e que os mesmos têm o poder de transformar, e transformar-se com o “coletivo”.

Abaixo, apresento os relatos das perguntas feitas aos antigos componentes do Grupo e dos atuais (conforme informei anteriormente usarei os nomes verdadeiros, pois fui autorizado pelos mesmos) e das líderes / facilitadoras comunitárias e de algumas participantes das oficinas nos bairros (os nomes das mesmas serão trocados por nomes de personagens, para que sejam preservadas as identidades).

Os formulários com as questões respondidas pelos sujeitos ficarão em meu poder. Aproveito para salientar que, nem todas as participantes das oficinas quiseram responder as perguntas e também não deixaram ser gravadas, para tanto foi feita à pergunta e transcrita para o formulário.

Questão respondida por **Lucia Berndt** – componente do Grupo desde a sua formação até os dias atuais: *Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?*

*Sim, observei várias mudanças, acredito que das pessoas que retornam sempre as aulas, esta já é uma mudança visível, pois não estão acostumadas com este tipo de atividade e mesmo assim são participativas e voltam. A facilidade na forma de se expressar vai aumentando gradativamente, principalmente nas participações nos*

*jogos e exercícios, onde se envolvem, pensam e sugerem cada vez mais. Com nossos comentários sobre suas participações, vão se sentindo orgulhosas de si, de sua coragem em estar participando das atividades, de sua importância e de sua luta. São pessoas inesquecíveis.*

Na escrita da colega Lucia, podemos notar que ela respondeu que “observou várias mudanças”, no sentido do envolvimento com as atividades e a maneira que o Grupo conduz as oficinas, fazendo com que e ou estimulando, gradativamente, a participação delas – e porque não dizer emancipação, enquanto sujeitos que “lutam” pela superação dos obstáculos (opressões) em que estão inseridas.

Questão respondida por **Joice Lima** – participou do Grupo desde sua formação até janeiro de 2011: *Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?*

*Participei de poucos encontros, tanto nas comunidades do Dunas quanto da Z-3, e as pessoas eram “flutuantes”, ou seja, algumas compareciam a um encontro mas não compareciam ao seguinte. Poucas foram as que vinham em todas nossas oficinas. De modo que não seria possível garantir que o trabalho com as técnicas do Teatro do Oprimido – aplicávamos teatro-fórum e teatro-imagem – efetivamente causavam transformações na vida das participantes. Não houve tempo hábil, ao menos na minha participação, de conhecer melhor a vida particular da grande maioria das participantes – ainda que a gente acabasse por conhecer casos específicos daquelas que relatavam seus casos e optavam por trabalhar com as próprias experiências na situação de oprimidas – como foi o caso da senhora que era humilhada, em sala de aula, pela própria professora, que dizia abertamente que ela era velha demais para estar na escola. De qualquer forma, acredito que elas se sentiam gradativamente mais à vontade, no grupo, para participar de modo mais ativo, à medida em que compareciam a mais encontros, seja porque se familiarizavam com osicineiros ou com as propostas apresentadas ou com as próprias colegas.*

Na resposta da colega Joice, notamos – como ele descreve, que sua participação ocorreu por pouco tempo – que as transformações dos sujeitos não são imediatas – assim como o trabalho do Grupo na própria comunidade, com o processo gradativo, que visa a libertação dos sujeitos – Vale salientar que o próprio ato do jogar, pode promover uma transformação, pois as pessoas presenciam uma cena e têm possibilidades de transformá-la pelas próprias condições que a proposta do Teatro Fórum favorece.

Questão respondida por **Ana Alice Muller** – participou do Grupo até março de 2011: *Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?*

*Eu sinceramente não tenho condições de responder a esta pergunta, pois entrei no TOCO depois dos demais integrantes, e só fui, em uma oficina na Z-3 e uma ou duas no Dunas, então este processo de transformação eu não posso testemunhar, apesar de acreditar pelo envolvimento que vi de parte delas nas oficinas que isso com certeza viria a acontecer.*

Partido das respostas apresentadas pelos ex-componentes e pela atual componente do Grupo TOCO, podemos observar e responder que, as primeiras – que ficaram pouco tempo participando do processo – responderam que não viram “claramente” o poder “transformador das opressões”, com as técnicas do Teatro do Oprimido, mas acreditam que o trabalho “gradativo”, “participativo” e “constante”, podem desencadear a “libertação”, através da “palavra” e da “ação” – da práxis. A segunda relata que “observou” transformações nas duas comunidades, a partir do momento em que os sujeitos “retornavam” as oficinas, e gradativamente vão se “transformando”, através do “pensamento” e da “palavra” – sugestionam, questionam, indagam, etc. – a importância de serem sujeitos engajados nas lutas pelas opressões (individuais e coletivas).

Abaixo, apresento os questionamentos feitos para os sujeitos que participavam das oficinas na Comunidade Z-3.

Questão respondida por **Blanch** – Comunidade Z-3: *Você gostou de participar das oficinas do TOCO? O “teatro que a gente trabalhou” fez ou estimulou alguma transformação na “realidade” pessoal ou da comunidade?*

Na primeira questão, **Blanch** respondeu que:

*Eu gosto de tudo que vocês fazem aqui... No início eu fiquei com vergonha, mas depois eu me soltei... São umas atividades que a gente pode fazer no sábado... É uma maneira da gente sair um pouco de casa, das coisas que a gente faz no dia-a-dia[...].*

Na segunda questão, deu como resposta:

*A gente tá sempre mudando... Até as coisas a nossa volta mudam... Pena que as outras não aproveitam as oportunidades... Eu não consegui modificar nada na realidade... Mas a gente pode pensar em fazer alguma coisa... Acho como dizem por aí, a união faz a força... Quem sabe o pessoal não se reúne para mudar as coisas lá do posto de saúde e da segurança[...].*

Podemos observar, pela resposta de **Blanch**, que as atividades que realizamos com as mulheres na Comunidade, torna-se “prazerosa”, na medida que conseguimos estabelecer um “diálogo” com as realidades encontradas – mesmo ela comentando que é uma maneira de se afastar das coisas que faz no seu dia-a-dia – acabam trazendo em falas e conversas os seus cotidianos. Como ela disse “a gente tá sempre mudando” – mesmo que ela diga que não conseguiu modificar “nada”, pensa no “coletivo” como meio de transformação; e a palavra que surge do pensamento – como ela diz, “mas a gente pode pensar...” – dá voz as próprias inquietações em relação as opressões.

Questão respondida por **Stella** – Comunidade Z-3: *Você gostou de participar das oficinas do TOCO? O “teatro que a gente trabalhou” fez ou estimulou alguma transformação na “realidade” pessoal ou da comunidade?*

Na questão um **Stella** respondeu que: *“Eu gosto, pois nós nos soltamos, nós nos sentimos mais leves e conseguimos ficar unidas... Até a “fulana” falou outro dia na reunião do postinho que gostava, mais que não tinha tempo pra fazer... Eu procuro tempo para fazer as coisas que eu gosto”*. Na segunda, respondeu: *“Que tipo de mudança?... Ah! Um pouco... pelo menos aqui no teatro a gente fala em modificar as coisas ruins...”*.

Através das respostas, que **Stella** apresentou, podemos notar que, as transformações e modificações, dos sujeitos, podem ser estimuladas, através do trabalho com as atividades nas Comunidades. Ela comenta em “união”, no sentido em que pensa no poder “coletivo” de “vozes”, que podem surgir, nas próprias cenas apresentadas ou nos jogos propostos.

A seguir apresento as respostas das líderes comunitárias da Colônia Z-3.

Questão respondida por **Bernarda Alba** – Comunidade Z-3: *Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?*

*As mudanças de comportamento e a apropriação crítica da realidade como sabemos é um processo longo e que exige por parte dos trabalhadores sociais uma determinada postura de tolerância e paciência histórica. Na Colônia Z3 não é diferente. Trabalho nesta comunidade há 18 anos e as mudanças ocorreram sutilmente em alguns aspectos na vida de certo numero de moradores. Com a ida do Grupo TOCO percebeu-se uma curiosidade e uma aceitação imediata que disparou algumas percepções talvez adormecidas nas*

*mulheres que participaram das oficinas, mesmo que muitas vezes as próprias mulheres exprimissem que as mulheres vem vivenciando naquela comunidade certa incompreensão sobre o objetivo do Grupo. Entendo que a presença do Grupo TOCO possibilitou um breve período de reflexão sobre os problemas crônicos.*

Na resposta de **Bernarda Alba**, podemos observar que ela expõe o próprio pensamento em relação ao trabalho com comunidades, em consonância com os pensamentos dos autores estudados, no sentido que as transformações (mudanças) e a “apropriação crítica”, requerem tempo, pois, em sua maioria, são sutis; e que o trabalho do Grupo “despertou percepções” (reflexões), através dos objetivos que se propõem, que a ação e a reflexão se façam presentes – a práxis – possibilitando aos sujeitos as reflexões sociais e individuais, que levem a libertação das opressões pela palavra – diálogo; como diz Freire “O diálogo, como encontro dos homens para a pronuncia do mundo, é a condição fundamental para sua real humanização” (2005, p.156); acreditar que através do diálogo (palavras) e apropriação de pensamentos, pode ser o caminho para a libertação.

Questão respondida por **Martírio** – Comunidade Z-3: *Observastes alguma transformação no envolvimento das participantes das oficinas, desde que começaram no projeto?*

*Eu participei apenas de duas ou três oficinas que o grupo fez na Z-3. Então, não percebi grandes transformações, porque acho que deve ser um trabalho lento e gradativo, comparando ao que, também faço com elas. Talvez elas tenham algumas mudanças quando participam do teatro, da imagem. É um trabalho enriquecedor quando elas tentam modificar as coisas que estão incomodando.*

Na resposta de Martírio, podemos observar que o poder transformador se dá com o trabalho do Teatro Imagem, pois ela entende que os sujeitos ficam incomodados perante a situação apresentada – pois tratam das realidades vivenciadas pelas mulheres – e querem uma modificação.

Apresento, a seguir, as respostas de uma participante das oficinas no Bairro Dunas e o relato de uma conversa com a Líder Comunitária.

Questão respondida por **Madame Ford** – Comunidade Dunas: *Você gostou de participar das oficinas do TOCO? O “teatro que a gente trabalhou” fez ou estimulou alguma transformação na “realidade” pessoal ou da comunidade?*

Quanto à primeira questão, **Madame Ford** respondeu: *“Acho que as aulas de teatro mexem com nossa cabeça... Acabo tendo um diferencial dos outros idosos... Ficamos mais ativas”*. Na segunda, ela respondeu: *“Sempre muda, agora mesmo andei por Recife, fui como delegada de um curso... Sempre tem uma coisa boa, uma mente para conhecer... Pena que as restantes não fazem, o pessoal é que não fluí”*.

Analisando as questões respondidas por **Madame Ford**, podemos observar que as oficinas – jogos – que o Grupo trabalha com elas, proporcionam um “mexer” nos pensamentos, quando estimula as transformações das opressões – ela sente um diferencial em relação aos outros, a partir do momento em que consegue dar voz aos pensamentos que estimula a modificação, como ela diz “sempre muda”.

Relato da conversa com Lady Macbeth, em junho de 2011 – Bairro Dunas:

Em sua fala, **Lady Macbeth** deixou claro que compreende os objetivos do Grupo e que reconhece a importância do trabalho realizado, porém tem a impressão de que as senhoras que participam, na maioria, não entendem:

*São lentas... Tem algumas dificuldades... Não entendem as regras... Não fazem porque não entendem... Tem diferentes idades... Elas gostam de atividades que envolvam carinho... Afeto... Elas têm muitas carências e superam no contato entre elas e com as outras atividades... São pessoas que vivem realidades semelhantes.*

Outra questão abordada por ela foi referente às atividades que fazemos quando separamos as mulheres em grupos, para conversarmos sobre questões de opressões, foi explicado que nós estimulamos uma conversa para que as participantes possam contribuir com o “levantamento” dos temas que trabalharemos na imagem e ou no fórum.

**Lady Macbeth** questionou se em algum momento nós “traríamos” de volta assuntos como: “O posto de saúde e o problema do trânsito depois do asfalto”, respondemos que em algum momento nós vamos “resgatar” os temas, para que possamos observar se “algo foi feito ou se teve alguma mudança”, pessoal ou coletiva. E que devemos abordar outros temas trazidos por elas, pois *“é muito fácil ficarmos tratando sempre do mesmo problema, como exemplo, o posto de saúde em*



*sua total precariedade*” e não pensarmos em opressões individuais, que possam ter significados para os outros, através da identificação.

Analisando a fala de **Lady Macbeth**, podemos observar que ela tem um posicionamento referente ao interesse das mulheres que participam das oficinas – como se colocasse falas e pensamentos das próprias mulheres em seu posicionamento (dizendo que são pessoas “lentas” e “vivem realidades semelhantes”), pensando neste, podemos dizer que o trabalho do Grupo é justamente este, “trabalhar com as realidades dos sujeitos”, com o intuito de descobrirem-se como pessoas, como diz Freire, “descobrem que, como homens, já não podem continuar sendo quase-coisas” (2005, p.201)

Através da interpretação dos relatos ou depoimentos, apresentados anteriormente, podemos observar que, em resposta a questão de pesquisa, as atividades do TOCO proporcionaram uma “ação e reflexão” (práxis) com as atividades do Teatro do Oprimido nas duas comunidades.

Nas falas de **Blanch, Stella e Madame Ford** – sujeitos das comunidades – observa-se que o teatro (oficinas que levem a construção do Fórum ou da Imagem) pode ser um “agente de transformação”, como identificamos no pensamento de Boal, 1975, como “Um método teatral que busca, através do diálogo, transformar e dar voz aos oprimidos”. Transformam em “falas”, pensamentos e sugestões de mudanças. Transformam em “estímulos–falas” pensamentos “racionalizados” e “internalizados”. Transformam em “sujeitos reflexíveis” das opressões individuais e coletivas. Transformam em “sujeitos coletivos”, pois pensam em si, nos outros e no lugar que os cercam.

Os relatos de **Bernarda Alba, Martírio e Lady Macbeth** – identificadas como agentes / facilitadores / líderes das comunidades – remetem há conclusão de que o trabalho desenvolvido com as mulheres da comunidade é “importante”, “enriquecedor” e “modificador”, porém não perceberam “modificações” nas mulheres, pois concordam que é um trabalho “lento” e “gradativo”, assim como os pensamentos de Boal e Freire, que com todas as referências teóricas e práticas – a práxis – que experimentaram e vivenciaram nas comunidades e no contato com os sujeitos, deixam claro que, o primeiro como “uma prática que não termina quando acaba: sempre procura deixar raízes” Boal, 2009; e o segundo como “a prática como reflexão e o inacabamento como construção, Freire, 2005; convergindo que a prática

com as comunidades, e o poder transformador, dar-se-ão em um processo “contínuo” e “persistente” com os inacabamentos.

Através dos referenciais teóricos, dos relatos das oficinas e dos sujeitos envolvidos no processo, conclui-se que o “poder transformador” (que o Projeto TOCO propõe, através das técnicas de Teatro Fórum e Teatro Imagem, até a metade do ano de 2011) é um processo ainda inacabado e em transformação, e que apenas foi “plantada” a semente que brotará em “palavras”, pelos sujeitos – passivos e ativos – que constroem e se constroem, através dos “diálogos cênicos” que transformam em voz (libertação), partindo das suas realidades. O “inacabamento” faz parte da “transformação”. E a transformação faz parte da ação e da reflexão – da práxis.

## **5 A práxis e o futuro: o inacabado como reflexão e ação.**

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentou o resultado da práxis com o Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO), nos bairros Dunas e Z-3, do ano de 2010 até a metade de 2011.

O resultado foi obtido mediante as análises das oficinas e das respostas e ou falas dos sujeitos envolvidos no processo, em consonância com as teorias e estudos que serviram de base para o trabalho.

O alicerce do trabalho, assim como o do próprio Grupo, está calcado em pensamentos e teorias de Paulo Freire e Augusto Boal; e na consciência de que, cada vez mais, temos que conhecer as comunidades que estão envolvidas, assim como os seus “sujeitos”.

As realidades, os saberes, as trocas e os envolvimento, constroem outros pensamentos, que por conseqüências, constroem vozes, resultando em ações e reflexões.

Partindo da reflexão e ação com o Teatro do Oprimido na Comunidade, podemos notar, como informado no capítulo anterior, que foi um trabalho em construção constante, no sentido que as próprias transformações dos sujeitos construir-se-ão através do “inacabamento” – Claro que o desejo seria uma transformação aparente e acabada, onde os sujeitos conseguissem transformar as opressões em voz, e modificassem as realidades opressoras e ao mesmo tempo se modificassem. Assim, o “inacabamento” passa a fazer parte das transformações, que resultem da continuidade com o Projeto nas duas Comunidades, e o pensamento de que é, foi e será um “processo” gradativo e em permanente construção.

Plantamos algumas sementes para que no futuro floresça em frutos, estes como formações de sujeitos em “coringas”, para que possam dar continuidade em suas comunidades com o trabalho de libertação das opressões.

Além da reflexão e da ação, o trabalho irá contribuir com o Projeto TOCO, que passará de extensão a pesquisa no final de 2011. E, também, para futuras ações em comunidades (projetos e estágios).

## REFERENCIAIS

- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Guaramond, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Teatro de Augusto Boal**. Vol.1. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Teatro de Augusto Boal**. Vol.2. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas Latino-Americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário**. São Paulo: Hucitec, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1975.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre Teatro**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 4ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- NOGUEIRA, Marcia Pompeo. Buscando uma interpretação teatral poética e dialógica com comunidades. **Revista Urdimento**. Universidade do Estado de Santa Catarina, n. 4, p.70-88, dez/2002.
- \_\_\_\_\_. Teatro e comunidade: dialogando com Brecht e Paulo Freire. **Revista Urdimento**. Universidade do Estado de Santa Catarina, n.9, p.69-84, dez/2007.
- \_\_\_\_\_. A opção pelo teatro em comunidade: alternativas de pesquisa. **Revista Urdimento**. Universidade do Estado de Santa Catarina, n.10, p.127-137, dez/2008.
- \_\_\_\_\_. Tentando definir o teatro em comunidade. *Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, 2008. p.19-28.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Práxis. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. Disponível na www:  
<URL: [http://www.infopedia.pt/\\$praxis](http://www.infopedia.pt/$praxis)>.

STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. (org.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

<http://ctorio.org.br/novosite/>

<http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-do-oprimido>

<http://www.gtolx.org/>

<http://teatro-do-oprimido.blogspot.com/>

<http://25grupodeteatrodooprimidodecoimbra.blog.pt/>